



Rui Furtado

O engenheiro português Rui Furtado tem sido figura-chave no desenvolvimento de projetos únicos, especiais, como a Casa da Música, no Porto, de Rem Koolhaas (leia PROJETOdesign 308, outubro de 2005), e o Museu dos Coches, em Lisboa, de Paulo Mendes da Rocha, MMBB e Ricardo Bak Gordon (PROJETOdesign 395, janeiro de 2013). O trato com personalidades e procedimentos de trabalho distintos é apenas uma vertente das interessantes histórias que o carismático português tem a contar aos leitores, que certamente se interessarão em saber o que ele tem aprendido mundo afora na companhia de Eduardo Souto de Moura, um dos mais premiados arquitetos em atividade em Portugal.

É corrente entre os arquitetos a importância que o Prêmio Pritzker tem na carreira de um profissional da área. Afinal, a condecoração norte-americana é uma das mais importantes. Mas soa curioso e inspirador ouvir o relato de uma viagem que, a pretexto do recebimento da láurea por Souto de Moura em 2011, em Washington, tenha dado início a uma série de tours arquitetônicos feitos pelo arquiteto e por Rui Furtado, observadores da inteligência dos antigos e dos modernos, mundo afora. Parte desta entrevista é uma narrativa sobre tais viagens - de que esperamos voltar a falar em breve -, e parte é a observação de Furtado sobre a filosofia e o modo de trabalho de arquitetos com personalidades tão distintas entre si, como Mendes da Rocha e Koolhaas, ou por vezes empáticas, como o capixaba e Souto de Moura. Vale perceber a sensibilidade do engenheiro, que fala com desenvoltura tanto sobre a evolução da técnica quanto sobre as escolhas do arquiteto, seja na escala ambiciosa, da forma que se pretende dar ao edifício, ou discreta, de como se procura organizar os dutos nas prumadas das instalações. Em um caso como no outro, a engenharia camaleão, como define Furtado, está a serviço do sucesso do projeto.

O SENHOR TEM TRABALHADO EM PROJETOS ESPECIAIS COM ARQUITETOS DE PERSPECTIVAS MUITO DISTINTAS, COMO PAULO MENDES DA ROCHA E REM KOOLHAAS. QUAL A CONEXÃO DA ENGENHARIA COM A OBRA DESSES PROFISSIONAIS?

Conheci arquitetos muito diferentes entre si. Acho que, fundamentalmente, o nosso papel, enquanto engenheiros, é o de contribuir para que o projeto, sendo o que é, seja o melhor possível. É como eu gosto, e é assim que consigo estar na profissão. Então, pela minha formação na construção, desenvolvi uma ligação forte com Paulo [Mendes da Rocha].

HÁ UMA PRODUÇÃO MAIS BANAL E HÁ ARQUITETURA DE BOA QUALIDADE. EM QUE MOMENTO O SENHOR PERCEBEU ESTAR TRABALHANDO COM UMA OU COM OUTRA?

O meu primeiro contato com um tipo de arquitetura mais exigente ocorreu com [o arquiteto português] Eduardo Souto de Moura. Um dia, nós dois

desenhávamos o alçado das tubulações de um duto vertical e eu, a certa altura, me perguntei: o que é que estamos fazendo aqui? E eu disse: “Eduardo, isso não interessa nada”. Ele respondeu: “Não estás percebendo, isso é fundamental!”. Esse foi um momento-chave na minha vida, que me fez olhar para as coisas de uma forma completamente diferente.

QUAL FOI O ENSINAMENTO DAQUELAS PALAVRAS DE SOUTO DE MOURA?

Ele dizia que o rigor não tem necessariamente que se ver, é uma coisa que se sente. É uma grande verdade. O projeto era o da Torre do Burgo, no Porto, que tinha um processo de empilhamento na fachada. Ela não foi feita segundo a primeira versão, somente uns dez anos depois foi construída uma opção mais simples. Comecei a aprender tudo o que podia com os arquitetos. Entretanto, ao longo de todo esse trajeto, trabalhei com pessoas muito diferentes, como disse. Rem Koolhaas, por exemplo, na Casa da Música [no Porto], com uma abordagem muito mais plástica, por um lado, e conceitual; e outros mais presos à construção e à tectônica do edifício, como Paulo, que tem ligação forte com a realidade construtiva.

ISSO É ESTIMULANTE, MAS COMPLICADO, NÃO?

A nossa dificuldade é conseguir, num caso e no outro, perceber qual é a lógica do projeto. E, dentro dela, achar o nosso caminho. Temos que ser um pouco camaleões para observar que direção o projeto toma, por exemplo, com Koolhaas, que é o arquiteto das grandes ideias, ou com Eduardo, que é o do rigor. Trabalhar com Paulo é realmente uma maravilha. Ele é extremamente sensível, tem a lógica da construção e isso, para o engenheiro, é o melhor que há. Temos a possibilidade de expressar o nosso trabalho, de uma forma que é a própria arquitetura. É fantástico, mas, ao mesmo tempo, uma responsabilidade enorme.

QUANDO COMEÇOU SUA PARCERIA COM MENDES DA ROCHA?

O Museu dos Coches foi o primeiro projeto que fizemos com ele, embora nos conheçamos desde o Estádio Municipal de Braga [projeto de Souto de

Moura]. Houve uma visita, em 2003, e eu nunca me esquecerei dessa história. A certa altura Paulo me perguntou qual era o diâmetro dos cabos da cobertura. Já não me lembro do número, mas ele respondeu que, então, tínhamos instalada uma carga de x toneladas no cabo, o que estava certo, dentro de uma margem razoável de erro. Pensei: com ele tenho que falar de outra forma. Era um diálogo muito diferente do que eu tinha tido até então com arquitetos.

No gabinete de Gehry a organização é tipicamente americana. À direita ficam os criativos e, à esquerda, os produtivos

DE QUE FORMA O SENHOR VIVENCIOU ESSA PERSONALIDADE NO MUSEU DOS COCHES? A MUDANÇA DO CONCRETO ARMADO PARA A ESTRUTURA METÁLICA, DURANTE O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO, FOI UM EMBATE DA ENGENHARIA COM A ARQUITETURA?

Foi um processo fantástico. Ele vinha com uma ideia, por causa da tradição [em São Paulo] do concreto armado, mas Lisboa é uma zona sísmica. E, por outro lado, tinha a questão dos vãos de 50 metros, com dez metros de altura, tudo muito grande. Sugeri a Paulo usarmos um sistema construtivo leve, mais rápido na execução. Ele abraçou a proposta imediatamente. No século 21, a leveza é um valor em si.

A POTÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO SE SOBREPUNHA AO MATERIAL?

Com Paulo aprendi a importância do partido inicial. Nos Coches, a implantação e a lógica do edifício elevado, que cria o espaço público, são uma novidade imensa para Portugal. Quando aqueles tapumes caírem, virá à tona toda a inteligência do projeto, que é de uma visão fantástica. Ele me ensina muito sobre a importância do conceito inicial, não em termos de forma, mas de funcionamento, de contribuição para o uso público.

E ELE COSTUMA FALAR COM ENTUSIASMO SOBRE OS GRANDES ELEVADORES QUE VÃO TRANSPORTAR VEÍCULOS E PESSOAS NO MUSEU DOS COCHES!

A questão do elevador é simbólica para ele, é uma máquina contemporânea que revolucionou as cidades. Imagine São Paulo sem elevadores! Nos Coches, há dois deles, com capacidade para 75 passageiros cada. São enormes e fundamentais para o projeto. Para Paulo, os elevadores são parte da ideia inicial porque o seu partido é um conceito de como vamos utilizar o espaço, de como ele será vivido. Ainda que, depois disso, tudo resulte de outra forma.

HÁ, NOS COCHES, UMA CLAREZA ENORME SOBRE COMO SE RELACIONAR COM O ENTORNO NUM TERRENO DE ESCALA TÃO GRANDE, NÃO?

A clareza dele já é outra conversa. Acontece que Paulo tem uma lucidez, de síntese, já de uma vida longa, que é aterradora. Muitas vezes eu não entendo o que ele fala, vou entender uma semana depois. Ele vê as coisas, analisa, sintetiza e vai direto ao assunto, real. Isso se vê na arquitetura de uma forma muito clara.

HOUE UM CASO DESSES, NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DOS COCHES?

Nos Coches houve uma situação bastante interessante, que foi o fato de a entrada estar nas traseiras do museu. Em determinada altura a diretora pediu para mudarmos a entrada para a frente do terreno e nós da equipe, incluindo eu, achamos que era melhor não arranjar mais briga. De repente Paulo disse que não, que isso seria um erro clássico, e fomos até o fim da luta, defendendo a entrada por trás. Foi brilhante, estávamos todos embarcando num erro crasso.

POR QUÊ?

Ele dizia que a entrada do museu é todo o recinto, e se passássemos a entrada para o outro lado estaríamos a liquidar a integridade do sítio. Engraçado que ninguém da equipe tenha tido essa visão. A estratégia do projeto são os alinhamentos, um partido inicial fortíssimo. O que acho notável é Paulo ter conseguido estabelecer um diálogo com o patrimônio [da zona de Belém] através de uma arquitetura contemporânea rígida, mas que tem uma sensibilidade fantástica.

O museu é uma peça brutal, por causa do tamanho, mas é aterradora a delicadeza da traseira do projeto, daquelas casas que vão se transformar em frentes. É um choque completo para a arquitetura portuguesa. A abordagem de qualquer arquiteto português que eu possa imaginar seria mais doce com o patrimônio. Daí eu achar fantástica essa sua visão.

O QUE NOS LEVA DE VOLTA À DIVERSIDADE DOS TRABALHOS DOS ARQUITETOS.

Trabalhar com eles todos é muito engraçado, nos sensibiliza e permite aprofundar as várias vertentes. Koolhaas, por exemplo, é um homem muito inteligente. Sua capacidade de síntese também é brutal, embora de uma linha mais visual do que a de Paulo. Ele olha para um assunto e é capaz de reduzi-lo à essência.

MAS NÃO SE ENVOLVE PESSOALMENTE COM O COTIDIANO DO PROJETO.

No caso dele, o contato com o engenheiro é diferente, tem a lógica da grande ideia a ser desenvolvida. Uma das coisas engraçadas, então, é perceber os processos de projeto de todos eles. Com Frank Gehry, por exemplo, com quem trabalhamos num projeto [de reabilitação urbana] que não chegou a ser construído, em Lisboa, no parque Mayer, aprendi coisas inacreditáveis. Sua organização é tipicamente americana. Há no gabinete, à direita, os criativos e, à esquerda, os produtivos. Gehry só fala com os criativos, e até o fim do scheme design. Daí em diante passa para os produtivos.

E MENDES DA ROCHA TRABALHA SOZINHO EM SEU ESCRITÓRIO, ASSOCIADO AOS COLABORADORES. O SENHOR ACHA QUE ESSE MECANISMO TENHA ALGUM IMPACTO NO TRABALHO DELE?

Acho fantástico esse isolamento que Paulo conseguiu em seu escritório. Suas preocupações são intelectuais e ele fica lá refletindo sobre as coisas, precisa estar livre dos outros assuntos. Por isso é que trabalhar com ele é uma maravilha, ficamos realmente focados em obter o melhor para aquele projeto. Não há mais nada na mesa, é apenas sobre isso que estamos a tratar.

SOUTO DE MOURA DISSE QUE É NOS FINAIS DE SEMANA QUE ELE TRABALHA PROFUNDAMENTE. PELO VISTO NÃO CONSEGUIU TER O DISTANCIAMENTO DE MENDES DA ROCHA.

É um esquema de trabalho diferente, embora eles sejam até parecidos e muito amigos. Mas Eduardo, por outro lado, consegue tempo para as viagens. Viajamos juntos para todos os lados e, se há alguma possibilidade de se ter o melhor curso de arquitetura, acho que eu tive. Com Eduardo, Paulo, [Álvaro] Siza, com quem sempre lidei diariamente. Nessas viagens que temos feito, Eduardo e eu, aprende-se muito. Desde arquitetura moderna até os romanos, gregos, persas. Elas são fundamentais, sobretudo as viagens ao passado. A Turquia, a Síria, o Irã são sítios dos primórdios a que não podemos deixar de ir.

Se algo bom vai acontecer, virá da América do Sul. Como equilíbrio de uma sociedade com valores que a Europa não conhece há anos

FALE UM POUCO SOBRE ESSAS VIAGENS. POR ONDE ANDARAM E PARA ONDE PRETENDEM IR?

Uma das que mais me marcou foi à Síria. Fomos ver os romanos e percebemos que não vale a pena pensar que vamos inventar a roda, porque ela já foi inventada há muito tempo. Aliás, outro dia li uma frase lindíssima de um filósofo, de que não me lembro o nome, que dizia que já foi tudo dito, tudo feito. Resta-nos dizer e fazer melhor. Na Síria há dos romanos aos românicos, os cruzados etc. Percebemos a evolução das coisas e conseguimos visualizar a nossa dimensão. O que é que andamos aqui a fazer?

NÃO MUDARAM AS NECESSIDADES DAS PESSOAS?

Falo sobre o global. Os gregos são a civilização da sensibilidade, do pensamento, mas quando olhamos os romanos ficamos arrasados, porque, na verdade, olhamos para o Coliseu e pensamos: isto é um estádio igual ao que fazemos hoje em dia, não evoluímos nada! Temos painéis eletrônicos, mas, de resto, todo o conceito do estádio está ali. Acho que isso é muito

importante para pensarmos, dia a dia, na nossa profissão. O que é que estamos a fazer? Claro que a tecnologia evolui, mas a forma de viver é exatamente a mesma, a necessidade das pessoas também.

E O RENASCIMENTO? BRUNELLESCHI E MICHELANGELO, EM FLORENÇA, POR EXEMPLO, SÃO ROTEIRO OBRIGATÓRIO PARA OS ESTUDANTES.

A cúpula de Brunelleschi em Florença [Igreja Santa Maria del Fiore] não foi propriamente uma revolução. Se você a comparar com o Panteão, percebe que, 1.500 anos depois, se fez uma cúpula em Florença que era a metade da outra. Então, qual é a maravilha disso? Quanto à história da cúpula de Brunelleschi, eu aprendi no Irã, por acaso, que ele teria conseguido fazê-la usando a tecnologia dos persas. Porque estes é que tinham o domínio da técnica, a Pérsia é só cúpulas.

SEMPRE HOUE O MUNDO GLOBALIZADO.

De certa forma. Outra coisa que aprendemos lá é que o Renascimento do século 15 na Europa, na Itália principalmente, acontece no mundo islâmico no século 13. E é dele que nasce o europeu. Há outras nuances da história que nos mostram que as coisas não caíram do céu. Está lá, tudo, no mundo antigo. A Europa teve conhecimento dos gregos através das traduções árabes, no século 15, porque a Grécia tinha simplesmente desaparecido. Isso é aterrador de se perceber. Há algumas clivagens na história muito estranhas. Uma delas é a dos gregos. Não se consegue perceber como é que aquilo tudo aconteceu em tão pouco tempo, aquele pensamento imenso em apenas cem anos. Outra é toda a parte do modernismo soviético, uma coisa que aprendi muito com Paulo. Os construtivistas soviéticos, aí sim, são um momento de evolução com velocidade enorme.

NAS ARTES E NA ARQUITETURA.

Sim, em tudo. É um processo transversal, não apenas na arquitetura, mas na engenharia, nas artes. Enfim, quando percebemos isso tudo ganhamos certo espírito crítico para olhar o presente. Acho que por isso a história das viagens, enquanto formação, é fundamental. Cultural e do ponto de vista humano também, porque o contato com esses povos foi algo que me chocou positivamente.

Nos Coches, a implantação e a lógica do edifício elevado, criando o espaço público, são uma novidade imensa para Portugal

E QUANTO AO MOVIMENTO MODERNO? O QUE SOBREVIVE NAS GRANDES CIDADES DE HOJE, POR EXEMPLO, DAS NOVAS POSSIBILIDADES DAS ESTRUTURAS AUTOPORTANTES DE CONCRETO?

Essa liberação da estrutura autoportante é algo do século 19, da estrutura metálica, basicamente. O concreto armado vem mudar apenas a forma de o fazer, porque na verdade o pórtico - e eu dou muita risada quando ouço falar do sistema dominó de Le Corbusier, - há cem anos já se fazia em aço. Vamos a Chicago e estão lá os edifícios todos feitos assim.

DO IRÃ AOS ESTADOS UNIDOS, ESSAS SUAS VIAGENS DARIAM UM LIVRO.

Fizemos há dois anos uma viagem fantástica aos Estados Unidos com Eduardo, o circuito todo, todo o Frank Lloyd Wright, Mies, Sullivan. Tudo há que se ver lá. Fomos ao IIT, é linda a capelinha de Mies. Lá entendi muito bem o que é o rigor. O que mais gostei de ver foi o Lake Shore Drive [dois edifícios de apartamentos desenhados por Mies van der Rohe]. A força deles é o seu rigor, a precisão. A [residência] Farnsworth também é fantástica. Foi o ano em que Eduardo ganhou o Pritzker, em Washington, e depois fomos a Chicago. Agora estamos tentando marcar uma ida a Viena, para ver [a obra de Adolf] Loos.

MENDES DA ROCHA PARTICIPA DESSAS VIAGENS?

Com Paulo é difícil, porque ele não gosta tanto de viajar. Com ele se viaja mais é com os livros. Ele sabe de tudo.

O QUE VISUALIZA DE CAMINHOS OU DESAFIOS PARA A ARQUITETURA?

Se alguma coisa vai acontecer de bom, acho que virá da América do Sul. Como equilíbrio de uma sociedade com valores que, na média, a Europa não conhece há muitos anos. Uma lufada de ar fresco. (Por Evelise Grunow)

DISCRIÇÃO é a nova VISIBILIDADE

ENQUANTO O LEITOR TEM EM MÃOS ESTE TEXTO, SEGUEM INTENSOS OS PREPARATIVOS PARA QUE O PARQUE IBIRAPUERA ACOLHA, ENTRE 24 DE JUNHO E 28 DE JULHO PRÓXIMOS, UMA IMPORTANTE RETROSPECTIVA SOBRE A ARQUITETURA LUSITANA DOS ÚLTIMOS 15 ANOS, PREVISTA PARA OCORRER EM PAVILHÃO TEMPORÁRIO CONCEBIDO POR ÁLVARO SIZA VIEIRA E EDUARDO SOUTO DE MOURA. A DOBRADINHA DOS PRITZKER É UM DOS ATRATIVOS, MAS NÃO O ÚNICO DA MOSTRA, QUE TEM COMO MOTES AS TRANSFORMAÇÕES DO TERRITÓRIO E O SABER FAZER PORTUGUÊS NA ÁREA.

Intitulada Arquitetura Portuguesa - Discrição é a Nova Visibilidade, a mostra irá reunir cem projetos, construídos ou não, que têm como marco inicial a Exposição Universal realizada em Lisboa em 1998, e à qual São Paulo se candidata para sediar em 2020. No passado recente, portanto, os portugueses vivenciaram demandas e promessas de incremento das cidades por causa de eventos que atraem uma legião de turistas - em 2004, o país foi sede da Eurocopa, o mais importante campeonato europeu de futebol, com dez estádios construídos ou reformados -, situação agora bastante familiar aos brasileiros. Trabalhos públicos e de grande escala, com o desenvolvimento imobiliário de novas regiões agregado a melhorias

no espaço comum e na infraestrutura urbana, são, assim, uma parte significativa dos projetos da mostra, selecionados por curadoria e por concorrência pública. Pedimos ao arquiteto Nuno Sampaio, curador geral da exposição - ele é o fundador do Estratégia Urbana/Laboratório de Inovação, do Porto, que concebeu o evento -, para selecionar três trabalhos representativos do espírito da mostra. Um deles, a renovação da praça do Toural (2009-2012), em Guimarães, concebido pela arquiteta Maria Manuel de Oliveira com a equipe do Centro de Estudos da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho (criada a pretexto deste projeto), tem como cenário a escolha da cidade do norte de Portugal como Capital



Cartaz da convocatória para a seleção de trabalhos da mostra portuguesa

Europeia da Cultura em 2012. A pedido da Câmara Municipal, eles reordenaram a praça central, que, vizinha da muralha medieval de Guimarães, carecia à época de espaço para pedestres. Reordenando fluxos de automóveis e favorecendo os acessos a sistemas públicos de transporte (houve o corte de cerca de 40% da área carroçável de veículos particulares), foi criado um passeio público ao longo da fortaleza antiga, reincorporado o chafariz quincentista e implantado um projeto de arte urbana. Trata-se do grafismo do piso da praça, feito com basalto e quartzo, que reproduz a planta de um setor da cidade. De natureza similar, há o teleférico de Vila Nova de Gaia, inaugurado em 2011, pertencente à região do

Porto, no norte de Portugal. Concebido pelos arquitetos Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes, do escritório Menos É Mais (ele, ex-colaborador de Souto de Moura; e, ela, de Siza Vieira), o projeto é representativo da necessidade recorrente no país de vencer grandes desníveis e atravessar o rio, no caso o Douro, conectando margens opostas. A proposta está inserida em região de elevado fluxo turístico, sobretudo relacionado à degustação de vinhos das caves do Porto, e organizada em dois núcleos: as estações alta e baixa. A primeira é uma construção em encosta que, a despeito da



1

RITA BURMESTER



2

CEEAUM



3

RITA BURMESTER



FOTOS ALBERTO PLÁCIDO

4

1-3 Praça do Toural em Guimarães, de Maria Manuel de Oliveira e Centro de Estudos da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho

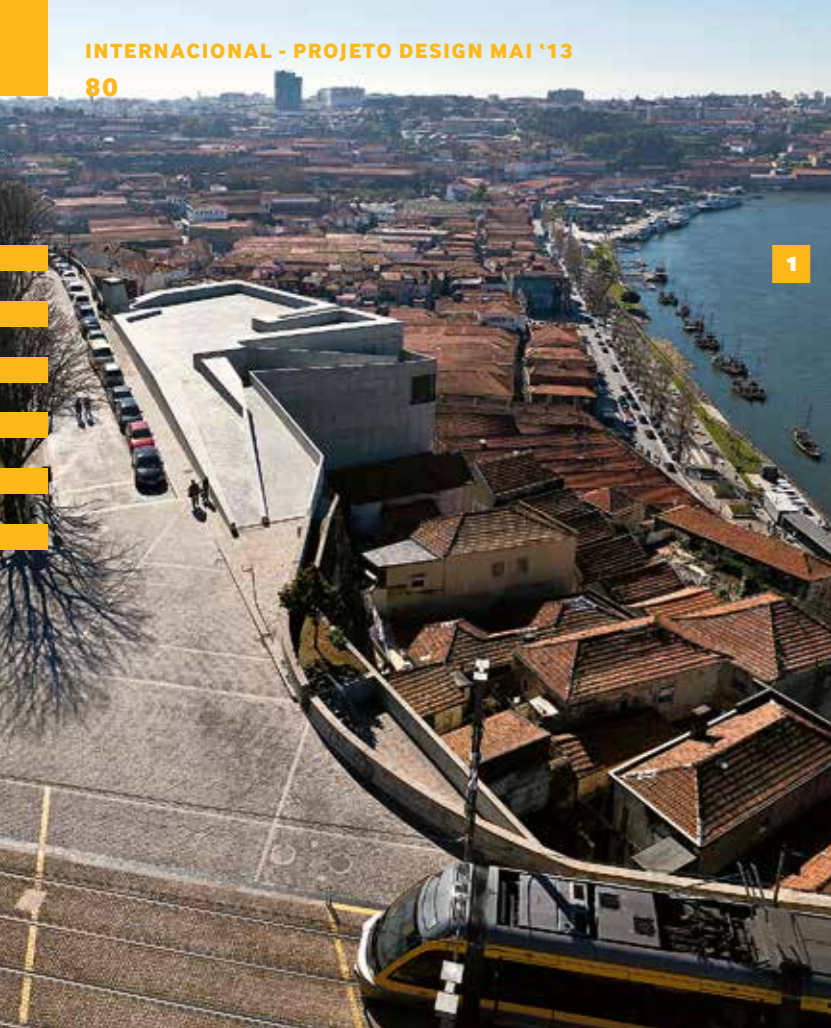
4 e 5 Estação baixa do teleférico de Vila Nova de Gaia, no Porto, de Menos É Mais Arquitetos



IMPLANTAÇÃO E CONTEXTO DA PRAÇA DO TOURAL



5

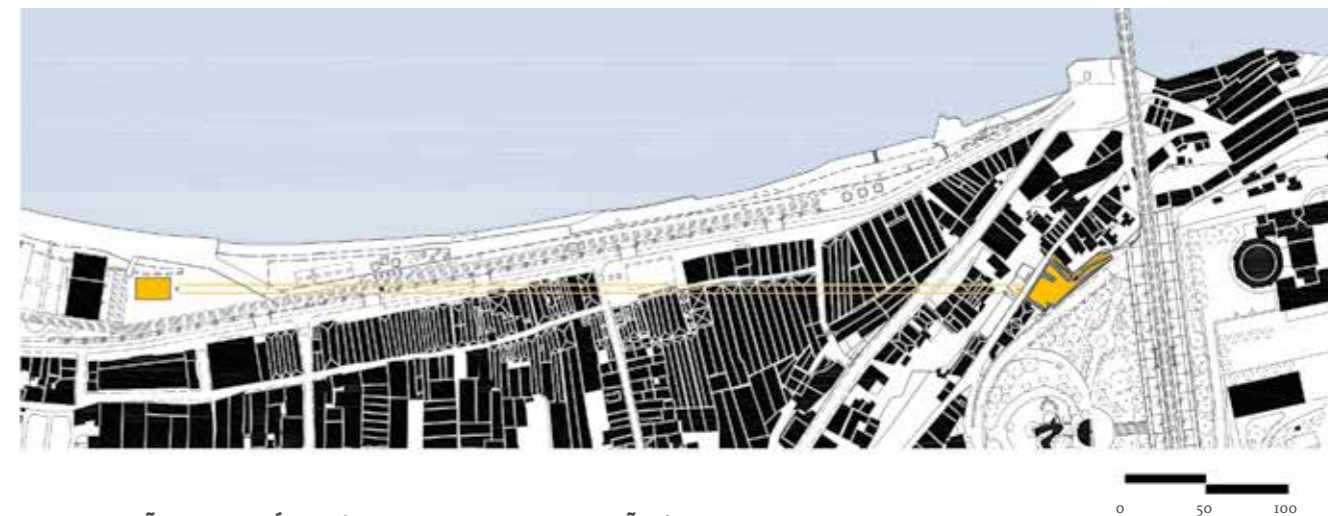


2

FOTOS ALBERTO PLÁCIDO

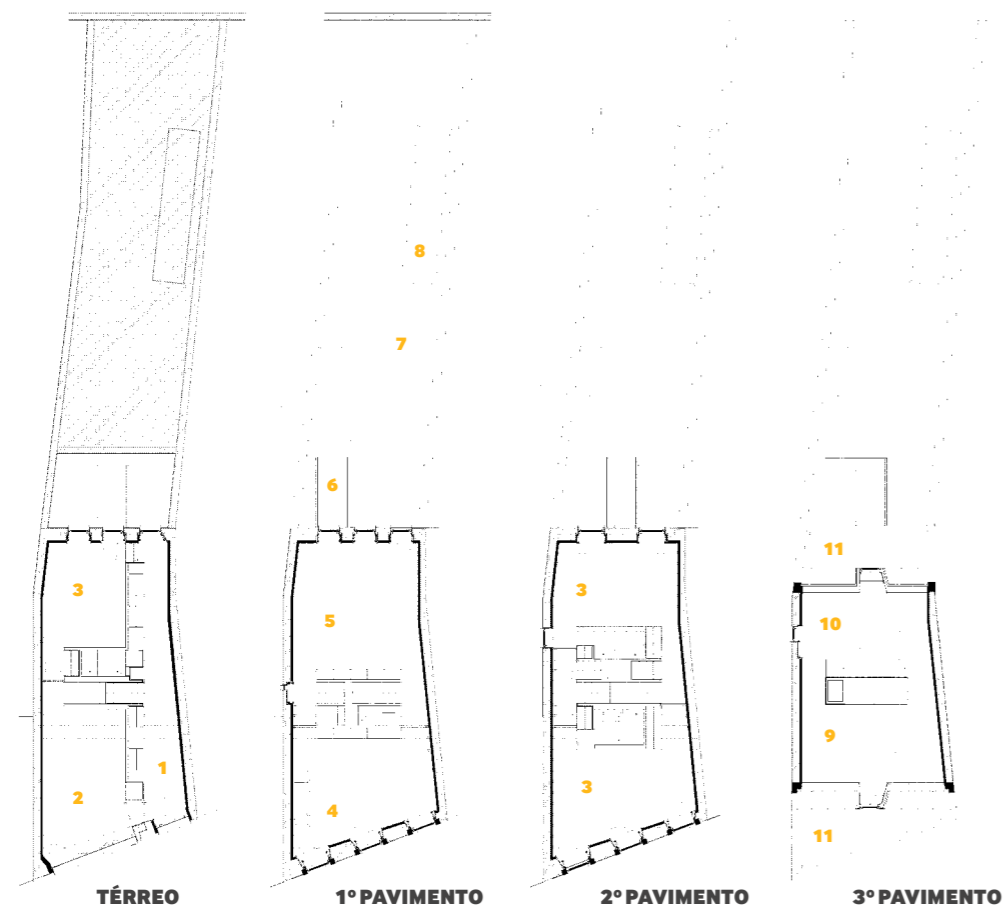
presença marcante na paisagem - como não perceber uma grande edificação contraposta ao casario da margem do rio? -, desenvolve-se em altura através de gomos escalonados. Já a estação baixa é um edifício ortogonal e elevado do solo - duas escadas laterais dão acesso à bilheteria -, feito com estrutura metálica apoiada sobre o embasamento de concreto. O trabalho foi premiado na Bienal Ibero-Americana de Arquitetura de 2012, em Cádiz, na Espanha, e, segundo Nuno Sampaio, é um bom exemplo da sinergia que há em Portugal entre os vários agentes da arquitetura: arquitetos, construtores e engenheiros (*leia nesta edição entrevista com o engenheiro Rui Furtado, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do projeto do pavilhão da mostra*). Por fim, na escala doméstica, a discrição que nomeia a exposição portuguesa em São Paulo - marcando o término do Ano de Portugal no Brasil - tem a forma do apartamento da rua das Janelas Verdes, em Lisboa, projeto de Pedro Domingos que Nuno Sampaio selecionou duplamente, para a mostra e para esta reportagem. Trata-se da reconstrução parcial de um edifício do século 19 em Lisboa - a meio caminho entre o Chiado e a região em que está implantado o Museu dos Coches, de Paulo Mendes da Rocha, MMBB e Ricardo Bak Gordon -, mantendo-se a parte íntegra da construção (fachadas, empenas e estrutura) e reconstruindo-se todo o seu interior e a laje de cobertura. Os cômodos são

1-3 Estação alta do teleférico de Vila Nova de Gaia



IMPLANTAÇÃO DO TELEFÉRICO (TRAÇADO ENTRE AS ESTAÇÕES)





- 1 Vestíbulo
- 2 Garagem
- 3 Dormitório
- 4 Jantar/cozinha
- 5 Estar
- 6 Passarela
- 7 Jardim
- 8 Tanque
- 9 Sala
- 10 Escritório
- 11 Varanda



FOTOS: FG + SG



1-6 Apartamento da rua das Janelas Verdes, em Lisboa, de Pedro Domingues

distribuídos em quatro pavimentos e organizados em torno do núcleo funcional de madeira laqueada branca (com escadas, banheiros e armários), de modo a liberar as porções nascente e poente para a inserção de salas ou dormitórios. Uma parede interna de concreto, com sete centímetros de espessura, reforça a estrutura das fachadas. A exposição contará com projetos de Siza e Souto de Moura (entre eles o da Torre do Burgo, que Rui Furtado menciona na entrevista desta edição como aquele que despertou o seu apreço pela arquitetura), mas, como sinalizam os três trabalhos aqui expostos, tem como mérito explicitar a produção de arquitetos de outras gerações. Para Sampaio, o principal é estabelecer um diálogo com a arquitetura brasileira,

o que deverá contar com o reforço de uma intensa programação de seminários e debates, em preparação pelos organizadores. Manteremos os leitores de PROJETOdesign informados, a começar pela lista completa dos cem projetos selecionados para a mostra, disponível no site www.arcoweb.com.br, junto à versão digital desta reportagem. (E. G.)



VEJA CONTEÚDO COMPLEMENTAR
EM GOO.GL/BuI2r
OU ESCANEIE CÓDIGO AO LADO
PARA ACESSO IMEDIATO

